

A Alteridade no Autismo: do Próximo ao Outro de Síntese

Andréa Di Pietro*  & Angélica Bastos 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brazil

RESUMO – O presente artigo investiga uma problemática suscitada pela experiência clínica e essencial à psicanálise com autistas: a alteridade. O objetivo da pesquisa consistiu em estabelecer a especificidade e a variedade das formas de alteridade nesses casos. Partindo da premissa freudiana do complexo do próximo (*Nebenmensch*) e passando pela distinção entre o próximo e o Outro enquanto lugar da linguagem, a pesquisa percorre as formas de alteridade suscetíveis de se delinear no autismo, tais como identificadas por J.-C. Maleval: o objeto autístico, o duplo e o Outro de síntese. Para tal, recorre a relatos de vida narrados pelos autistas e a fragmentos clínicos da literatura especializada.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, autismo, alteridade, Outro de síntese

Otherness in Autism: From the Fellow Human-Being to the Other Synthesis

ABSTRACT – This article investigates a problem raised by the clinical experience and essential to psychoanalysis with autistic subjects: alterity. The goal of the research was to establish the specificity and variety of the forms of alterity in these cases. From the Freudian premise of the complex of the fellow human-being (*Nebenmensch*) and passing by the distinction between the fellow human-being and the Other as the place of language, the research covers the forms of alterity which are likely to be outlined in autism, such as identified by J.-C. Maleval: the autistic object, the double, and the Other of synthesis. To this end, it resorts to accounts of life narrated by autistic subjects and to the clinical fragments of specialized literature.

KEYWORDS: psychoanalysis, autism, alterity, Other of synthesis

Os psicanalistas que trabalham com crianças precisaram desde cedo responder sobre o estatuto do sujeito com o qual operam: haveria nessa clínica um sujeito no sentido mais estrito, tal como a experiência do inconsciente implica? Os psicanalistas responderam afirmativamente, sustentando que o sujeito do inconsciente não é um sujeito infantil, posto que o infantil – seja da sexualidade, seja da neurose – envolve a estrutura, não havendo pré-sujeito ou gradações progressivas em sua manifestação.

O momento cada vez mais precoce no qual se aceitaram crianças no tratamento psicanalítico ressaltou a dimensão de aposta no sujeito, de antecipação, para que este, como em qualquer análise, possa advir. A participação dos pais no tratamento foi, ato contínuo, interrogada: como e a que título os incluir na análise, se o Outro do sujeito depende de que se escreva o inconsciente, desde Freud à realidade psíquica

por excelência? Apesar dos distintos encaminhamentos que a questão recebeu, a depender da orientação do psicanalista, destacou-se o caráter complexo do que denominamos alteridade.

A clínica com os ditos autistas, a leitura de seus testemunhos e a literatura empírica acerca desses sujeitos coloca-nos a questão sobre o estatuto da alteridade nesses casos. O rechaço ou a indiferença às pessoas, a não distinção entre o eu e o outro (frequentemente ilustrada na cena em que eles pegam as mãos de outra pessoa para realizarem alguma atividade), bem como o mutismo e as falas ecológicas, atestam uma posição particular em relação às pessoas e à linguagem. Tal posição levou muitos psicanalistas à formulação de que, para os autistas, o Outro não se constitui e não existe. No entanto, se não acreditamos na construção da alteridade nos autismos, como podemos sustentar a aposta no sujeito,

* E-mail: andreadipietro2@gmail.com

■ Submetido: 03/07/2018; Revisado: 13/09/2019; Aceito: 02/11/2019.

essencial à clínica? O tratamento psicanalítico se desenvolve sob transferência; por isso, impõe-se conceber esta última, ainda que as concepções de alteridade vigentes em quadros clínicos não se apliquem automaticamente ao autismo. Com base na constatação de que a presença do psicanalista conta para o autista, que a ela responde e com ele trabalha, concentrar-nos-emos na interrogação sobre a alteridade, a fim de recolhermos subsídios para seu tratamento.

Quando escrevem livros ou ministram palestras, os chamados autistas de alto desempenho demonstram ter encontrado soluções para lidar com a alteridade. Nesses casos, eles possuem amigos, alguns se casaram, sua fala se mostra clara e elaborada e eles parecem ter assumido uma imagem corporal. Esses relatos nos permitem observar maneiras específicas pelas quais puderam se haver com o outro, servir-se da linguagem e falar de si. É frequente, por exemplo, o recurso que fazem a um duplo, tal como Donna Williams, uma autista de alto desempenho que se tornou conhecida pelos relatos que produziu sobre sua experiência. Em um de seus livros, Donna Williams (1992/2012) explica que fez uso de duas personagens, Willie e Carol, que serviram como proteções – na medida em que ela as encarnava em situações específicas – e permitiram que ela se abrisse para o mundo. Em seu livro, explica: “Ninguém devia relacionar-se com Donna, mas unicamente com os dois personagens que eu decidi alimentar” (Williams, 1992/2012, p.108). O uso que os ditos autistas fazem da linguagem também guarda especificidades. Observa-se uma recusa em ocupar uma posição enunciativa, seja pelo mutismo, seja pela verbosidade. Além disso, declaram preferência por palavras

que possuem referências concretas, isto é, que possam ter seu significado ligado a uma imagem ou a uma coisa.

A partir da clínica e da leitura desses testemunhos, constatamos que os autistas protegem-se de uma presença insuportável, o que nos levou a formular a hipótese de que a alteridade concernente a eles seria a do humano próximo – em alemão, o *Nebenmensch* –, aquele que concede a ajuda alheia, segundo Freud (1895/2006), mas que é também objeto hostil. Lacan retomará essa figura e irá diferenciá-la do Outro, alteridade simbólica: o *Nebenmensch* é iminência intolerável de gozo, enquanto o Outro é o resultado de uma varredura de gozo operada pela incidência do significante, que pode não ocorrer. Seguiremos a hipótese do psicanalista Jean-Claude Maleval, o qual propõe o *Outro de síntese* para os autistas, constituído não por significantes, mas por signos, uma via de expandir construtos existentes e até então problemáticos nas teorias acerca do autismo.

Com o objetivo de desenvolver uma leitura que não considere o autismo um *deficit*, uma falha em relação à estruturação da neurose ou mesmo da psicose, mas uma forma original e radicalmente singular de estar no mundo, o presente artigo busca ultrapassar a formulação de que o Outro não se constituiu para esses sujeitos. Para isso, explora formas originais pelas quais os sujeitos autistas parecem conseguir pôr limite ao gozo e fundar alteridades, fazendo um percurso que vai do *humano próximo* ao *Outro de síntese*, passando pelo *objeto autístico* e o *duplo*. Ainda que as funções se complexifiquem à medida que seguimos esse trajeto, é essencial não as tomar como etapas de desenvolvimento a serem superadas.

NEBENMENSCH, O HUMANO PRÓXIMO

No texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895/2006), Freud aborda o desamparo inicial no qual os seres humanos se encontram ao nascer. Ele propõe que, ao ser acometido por um excesso de excitação, o aparelho psíquico sofre de uma urgência de descarga pela extremidade motora e assim se apresentam duas vias possíveis. A primeira, a via da *alteração interna*, corresponde à expressão das emoções e não é capaz de cessar o recebimento dos estímulos endógenos, isto é, não produz alívio. A segunda via é a da *ação específica*, a qual equivale a uma alteração no mundo externo e tem como consequência a suspensão temporária das excitações no aparelho psíquico. Por exemplo, no caso da fome, a ação específica correspondente seria buscar comida no ambiente.

No entanto, o bebê humano é incapaz de executar de forma autônoma essa ação específica e por isso ela será promovida pela ajuda alheia, ou seja, por uma pessoa experiente que responderá às manifestações advindas da alteração interna. Surge então a figura do *Nebenmensch*, humano próximo, como primeiro objeto de satisfação, primeiro objeto hostil e também a única força auxiliar do sujeito. Os choros e gritos são incapazes de encerrar o estado de urgência e, quando vêm de outrem, evocam no

sujeito suas próprias experiências de dor e desprazer (Freud, 1895/2006).

Ao acolher o grito como apelo e dar-lhe um sentido, interpretando-o como fome, sono, ou o que quer que seja, aquele que se ocupa da criança oferece a ela significantes, convocando-a ao mundo simbólico. A experiência de satisfação pulsional, “inteiramente suspensa ao outro” (Lacan, 1959-60/2008, p.53), fica assim associada à incidência significante.

Porém, não basta haver um humano próximo que fale com a criança para que esta ingresse no mundo simbólico, ou seja, funde o lugar do Outro. O *Nebenmensch* é o precursor do Outro, mas ambos não coincidem. A partir do humano próximo, por este ser um falante, o Outro poderá se constituir como lugar do significante. Porém, do *Nebenmensch* ao Outro há um passo a ser dado.

Lacan (1968-69/2008) questiona se o *Nebenmensch*, o próximo que concede a ajuda alheia, seria o Outro, aquele que serve para fazer funcionar a articulação significante do inconsciente. Sua resposta é negativa:

“Será que esse próximo é o que chamei de Outro, que me serve para fazer funcionar a presença da articulação significante no inconsciente? Certamente não. O próximo é a iminência

intolerável do gozo. O Outro é apenas sua terraplenagem higienizada. (...) O Outro é justamente isso, é um terreno do qual se limpou o gozo: (...) É aí, é no Outro que está o inconsciente estruturado como uma linguagem.” (Lacan, 1968-69/2008, p.219)

Desta forma, somos remetidos a um tempo lógico anterior à constituição do Outro e ao inconsciente estruturado

segundo as leis da linguagem, indicando que o Outro não está lá desde sempre. É necessário que haja uma higienização no campo do gozo pelo significante para que se instaure o campo do Outro. No entanto, os autistas nos apresentam invenções diversas, por meio das quais eles vêm a ordenar a realidade, localizando e barrando o gozo que, por não ter sido mortificado pelo significante, os invade.

OS OBJETOS AUTÍSTICOS

Temple Grandin (Grandin; Scariano, 1986/2014), uma das autistas de alto desempenho mais conhecidas no mundo, relata que, desde o terceiro ano do Ensino Fundamental, pensava em uma máquina que pudesse exercer pressão sobre seu corpo de maneira intensa e prazerosa. O mais interessante para Grandin era que essa máquina estivesse o tempo todo à sua disposição e a intensidade da pressão pudesse ser controlada por ela. A máquina era aos poucos construída e aperfeiçoada em sua mente. Em uma visita a um parque de diversões, conheceu e experimentou o brinquedo chamado rotor, um imenso cilindro que girava em alta velocidade e, por sua força centrífuga, mantinha as costas das pessoas presas à parede e então retirava seu piso. Grandin diz ter se sentido confortável e relaxada e, por isso, ficou fascinada pelo brinquedo, querendo ter um desses na escola, o que logicamente não foi possível. Anos depois, inspirada no aparelho de brete para gado da fazenda de sua tia, Grandin construiu sua máquina de pressão.

Na clínica com os autistas, é muito frequente observar a associação a objetos, que vão desde um pedaço de fio, uma roda de carrinho ou um garfo, até a construção de máquinas complexas, como a máquina de Temple Grandin.

Frances Tustin foi a primeira a conceituar os objetos autísticos, mas, ainda que reconhecesse nesses objetos a função de proteção, atribuiu a eles um caráter patológico. A psicanalista considerava esses objetos precursores dos objetos transicionais de Winnicott, com a diferença de os objetos autísticos não terem substitutos, que funcionavam como uma proteção contra a perda e se fundiam ao corpo da criança. Tustin (1992) refere-se ao uso que as crianças ditas normais fazem de substitutos da mãe que amamenta (tais como chupeta ou o próprio dedo) quando sentem falta desta. São substitutos temporários que permitem ao bebê esperar até que a mãe chegue para amamentá-lo. Os objetos autísticos, diferentemente, funcionariam colados ao corpo, ocupariam o lugar do seio materno e bloqueariam a capacidade de discernir os cuidados maternos (Tustin, 1992). Ainda que os diferenciasse, Tustin (1992) admitia que, em alguns casos, o objeto transicional e o objeto autístico se fundiam.

Temple Grandin (Grandin; Scariano, 1986/2014), comenta que tinha medo de que o brete tomasse conta dela e a impedisse de sobreviver sem ele, mas logo conseguiu

tomá-lo como “apenas um aparelho de imobilização feito de restos de compensado” (p.97) e, por isso, podia ter acesso aos pensamentos e sentimentos que tinha no brete também fora dele. Ela nega a hipótese de que sua máquina tenha servido como substituta para os abraços da mãe. Pelo contrário, Grandin afirma que o brete permitiu que ela se aproximasse mais da mãe e de outras pessoas:

“Quando entrava no brete, sentia-me mais próxima de pessoas como a minha mãe, o sr. Peters, o sr. Brooks, o sr. Carlock e a tia Ann. Embora fosse apenas um aparelho mecânico, o brete derrubou minha barreira de defensividade tátil e eu podia sentir o afeto e a preocupação dessas pessoas, conseguindo exprimir meus sentimentos por mim mesma e pelos outros.” (Grandin; Scariano, 1986/2014, p.97)

Contrariando o posicionamento de Frances Tustin, bem como o de educadores e de grande parte dos psicólogos que se ancoram em uma abordagem normativa do desenvolvimento, o psicanalista Jean-Claude Maleval (2009) não toma esses objetos como patológicos ou nocivos. Ele considera o que dizem os autistas sobre os objetos; Birger Sellin diz que encontra segurança neles, Temple Grandin que se interessa mais por eles do que pelas pessoas e, ainda, Donna Williams explica que tomava as pessoas que amava como objetos que a protegiam das outras pessoas de quem não gostava: “Para mim, as pessoas que eu amava eram os objetos, e esses objetos (ou as coisas que eles evocavam) eram a minha proteção contra as coisas que eu não amava, isto é, outras pessoas” (Williams, 1992/2012, p.31).

Maleval (2009) destaca também a sugestão de Grandin aos educadores, para que eles, em vez de tentar eliminar os objetos e as estereotipias, busquem transformá-los em uma fonte de motivação para novas aprendizagens, pois, a exemplo de sua própria experiência, essas fixações podem se tornar carreiras profissionais. Em muitos casos, os objetos autísticos participaram das chamadas “ilhas de competência” (Maleval, 2017, p.377) e ofereceram a sujeitos autistas a possibilidade de construir carreiras e alcançarem independência financeira.

Maleval (2009) também se opõe a considerar que objetos autísticos e transicionais possam se fundir, pois os considera radicalmente diferentes. A principal discrepância entre os dois tipos de objetos refere-se ao regime de satisfação e

pode ser compreendida pela comparação entre o *Fort-Da* e as condutas *on-off*.

Na brincadeira infantil descrita por Freud em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920/2006), o menino de um ano e meio de idade segurava um carretel pelo cordão, arremessava-o até que o objeto desaparecesse e pronunciava “o-o-ó”, correspondente a “fort”, palavra alemã que significa “ir embora”. Em seguida, puxava o carretel de volta e saudava seu reaparecimento com a palavra “da” (“ali”). A primeira cena, mais desprazerosa, era aquela que mais se repetia. Freud interpreta a brincadeira como uma grande realização cultural, uma renúncia pulsional tal qual a que a criança efetuava ao deixar sua mãe partir e se ausentar, sem protestos.

No exemplo de conduta *on-off* utilizado por Maleval (2009), um menino autista, para quem todos os objetos parecem comestíveis, busca tratar o excesso de seu gozo oral recorrendo a um livro. Ele seleciona as imagens do livro que se relacionam com comida, nomeia e submete cada uma a dois tempos, presença e ausência: “morangos/não tem mais morangos; batatas/não tem mais batatas”. Em um tempo posterior, passa a mobilizar a oposição em relação a outros objetos (boneco de neve, menino, etc.), mantendo sempre a alternância “há/não há mais”.

Enquanto o carretel é um objeto transicional por se apresentar como tratamento de uma perda, de uma falta já instaurada, e articular dois significantes, no meio dos quais há uma encenação da perda, nos comportamentos *on-off* a primeira expressão não nomeia uma ausência, mas uma presença, e a segunda não saúda um reaparecimento, mas a colocação à distância. Ainda que a atividade das crianças autistas em relação aos objetos *on-off* revele uma tentativa de fazer advir uma perda controlada de um objeto demasiadamente presente e de inscrever o princípio de descontinuidade da linguagem humana, não há um segundo significante para qual se representa a coisa ausente designada pelo primeiro e que traga satisfação ao fazê-la reaparecer, ao mesmo tempo em que a mata. Há um signo da presença e um signo de afastamento, que ainda porta a coisa designada em vez de renunciá-la, de assumir sua perda. Segundo Maleval (2009), “Os comportamentos *on-off* e o *Fort-Da* parecem duas maneiras para tratar a negatividade da linguagem e a dor da perda de objeto; porém, uma trabalha com o signo e outra com o significante” (p.233).

Maleval (2009) divide os objetos autísticos em duas categorias: *objetos simples* e *objetos complexos*. A maioria dos objetos simples são duros e dinâmicos, a fim de tratar a *imagem do corpo* e a *animação pulsional*. Na experiência com o rotor, por exemplo, Temple Grandin descreve que seus sentidos estavam tão sobrecarregados de estímulos

que ela não reagia mais com ansiedade ou medo, sentindo, ao contrário, conforto e relaxamento. No entanto, tão logo os autistas se desligam dele, perdem a vitalidade que esse objeto lhes confere. Os objetos simples funcionam como uma borda protetora, que muitas vezes faz barreira ao campo social. Já os objetos complexos têm como principal função o enquadramento do gozo em uma borda fora do corpo, e permite que o autista se conecte ao campo social (Maleval, 2009).

A ideia de borda é inicialmente paradoxal quando nos referimos aos autistas, visto que eles têm grande dificuldade para formar a imagem corporal com contorno e orifícios, mas Laurent (2014) explica que é justamente pela ausência da construção do corpo que o conceito de borda pôde ser inventado, advindo da ideia de uma carapaça que fecha, isola os autistas do Outro. Trata-se de uma borda forjada, que Laurent (2014) chamará de *neoborda*: “lugar onde o sujeito está situado, lugar de defesa maciça, um lugar de pura presença” (Laurent, 2014, p.79). O psicanalista aposta no deslocamento e no relaxamento dessa *neoborda*, de maneira que um espaço que não seja nem do sujeito, nem do Outro, possa ser criado. O uso de objetos é imprescindível para que algo possa ser extraído e a *neoborda* deslocada (Laurent, 2014).

Laurent (2014) faz uma divisão entre os *objetos sem forma* e os *em forma do objeto a*. Em relação à máquina do abraço de Tempo Grandin, afirma que esta confere forma ao objeto um olhar “enlouquecido” – destacado por ela nela própria e no gado que ela observa – e se articula ao corpo. Há uma captura do *objeto a* pela forma do objeto e, então, pelo corpo. Para comparar esse caso de *em forma do objeto a* com o de um *objeto sem forma*, Laurent (2014) recorre à prática, já observada em alguns autistas, de extrair as próprias fezes por meio da introdução da mão no ânus. Trata-se, nesse segundo caso, de um objeto de gozo sem forma, diferente do objeto que faz suplência à ausência de limites do corpo e o protege da angústia de uma intrusão, como é o caso da máquina de Grandin. Nesse segundo caso, trata-se de um objeto como vestígio do vivo que precisa ser extraído, “alteridade radical que precisa ser abolida” (Laurent, 2014, p.88). Em vez de funcionarem como objeto anal cedido no circuito da demanda, a extração bruta das fezes não as separa do corpo mantendo uma articulação a ele; são extraídas como repetição de um objeto sem forma, rejeitado radicalmente (Laurent, 2014).

Vimos que até os objetos simples têm função de localizar um gozo e auxiliar na construção da imagem corporal. No entanto, os processos de tratamento do gozo pelo objeto e pela linguagem podem se unir mais intimamente e se complexificar, quando se articulam ao duplo.

O DUPLO AUTÍSTICO

Tustin já havia anunciado que os objetos serviam de duplo para o sujeito (Maleval, 2009). No entanto, são múltiplas as formas clínicas do duplo autístico: pode ser um objeto, um animal, uma outra pessoa, ou a própria imagem no espelho. Segundo testemunhos de autistas ditos de alto desempenho, há também a criação de personagens que possuem função de duplo, como foram Willie e Carol para Donna Williams, ou Alfred Costello e Bischan para Temple Grandin. Conforme observa Maleval (2003), “nada é mais característico do autista do que sua capacidade de se conectar a um duplo para se abrir ao mundo”¹ (Maleval, 2003, p.204, tradução livre). O recurso ao duplo pode oferecer proteção contra a iminência de gozo do próximo, e permitir que esses sujeitos adquiram um saber sem que precisem entrar em uma dialética de troca, angustiante por incitar a dimensão da falta (Maleval, 2003).

Em sua luta para que houvesse um brinquedo como o rotor na escola, Temple Grandin utilizou-se de um personagem criado por ela na infância, Alfred Costello, “o sombra”. Ao escrever em nome do personagem, Grandin pôde elaborar diversas cartas em que ele solicitava a instalação do brinquedo, alegando que só assim sua representante, Temple Grandin, poderia salvar a escola e seus alunos de uma ameaça de desaparecimento. Por meio desse personagem, ela se protegia da posição de enunciação, tão mortífera aos autistas, ao mesmo tempo em que fazia sua reivindicação. Trata-se, segundo Maleval (2017), de uma maneira de falar ausentando-se, uma forma de se expressar “por procuração” (p.133), o que protege o sujeito do desejo do Outro. No entanto, o duplo não é capaz de enodar linguagem e gozo, de forma que o sujeito não tem a sensação de se conectar a seu sentimento; há uma mutilação psíquica que faz com que o duplo não esteja integrado ao eu (Maleval, 2017).

Rosine Lefort e Robert Lefort (1980/1990) relatam dois casos atendidos no instituto Parent de Rosan: Nadia e Marie-Françoise. A comparação entre os dois casos – o primeiro uma neurose, o segundo de uma menina autista – teve como efeito uma importante contribuição sobre a diferença entre o estádio do espelho na estruturação da neurose e a construção do duplo nos autismos. Observando os primeiros contatos de ambas, especialmente no que se refere ao corpo da analista, Lefort e Lefort (1980/1990) levantam a hipótese que marcou sua abordagem dos autismos – a inexistência do Outro, bem como do pequeno outro:

“Se nos referendarmos em Nadia, tenho que me espantar, como disse, com a violência de Marie-Françoise em seu contato de corpo comigo. Com efeito, para Marie-Françoise, não é a exploração do furo de minha boca – de meu corpo furado – que está em causa, tanto quanto ela não é interpelada

pela presença de um pequeno outro, como Nadia era. O que caracteriza a relação de objeto de Marie-Françoise, é que não existe o Outro – e muito menos o pequeno outro –, e que para ela eu sou um objeto dentre outros. Isso não quer dizer que eu não seja, de uma certa maneira, privilegiada.” (Lefort & Lefort, 1980/1990, p.194)

A imagem no espelho, que para Nadia presentifica ao mesmo tempo o Outro (*Autre*) e o outro (*autre*), “A + a”, é solenemente ignorada por Marie-Françoise, afastada de qualquer identificação possível. Em vez de imagem, os outros são objetos reais para ela, dentre os quais Rosine Lefort se coloca como um objeto privilegiado. Marie-Françoise só pode encontrar no espelho o duplo, que é também todo, sem perda, mas também sem unidade, como ela (Lefort & Lefort, 1980/1990).

Na descrição detalhada de Rosine Lefort e Robert Lefort sobre o tratamento de Marie-Françoise, acompanhamos o uso que a menina faz de seu duplo, um boneco marinheiro, objeto real que a protege da dimensão de perda. Após tirar os óculos da analista, bater neles e abandoná-los, ela pega o boneco marinheiro e gruda-o em seus olhos:

“(…) é como se ela tivesse percebido, por um curto instante, que ela me fez perder qualquer coisa pelos meus olhos, perda que vale também para ela e da qual ela me imputaria a responsabilidade, ao mesmo tempo em que ela a recusaria radicalmente, colmatando-a com o marinheiro sobre seu olho.” (Lefort & Lefort, 1980/1990, p.245)

Em outra cena, Marie-Françoise aperta o boneco não mais contra seu olho, mas contra sua fralda e o posiciona de forma que ele esteja perto também de sua boca, de maneira que ela possa obter dois orifícios. O duplo real apresentado pelo casal Lefort, no caso do boneco-marinheiro, possui essencialmente a função de preencher buracos.

Com Laurent (2014), podemos pensar esses buracos do corpo do sujeito autista como furos sem borda, um vazio que aparece como abismo no relato de alguns autistas. O duplo funcionaria como uma borda para um corpo sem borda. Segundo o psicanalista, a ausência de borda do furo é “o redobramento da inexistência do próprio corpo, pois um corpo só existe se um objeto pode se separar dele” (Laurent, 2014, p.100).

Rosine e Robert Lefort (2003) retomam o caso de Marie-Françoise e acrescentam algumas observações sobre o duplo, considerando-o um “componente fundamental e estrutural do autismo” (p. 27). Ao questionarem a constituição da imagem de si no espelho nos casos de autismo, concluem que o espelho plano do lugar do Outro não se interpõe entre *i(a)* e *i'(a)*, real e imaginário, mas entre dois *i(a)*, duas imagens reais. A divisão do sujeito autista ocorre no real do duplo (Lefort & Lefort, 2003). O que os autistas encontram em cada outro é, para eles, um duplo real:

¹ “Rien n’est plus caractéristique de l’autiste que sa capacité à se brancher sur un double pour s’ouvrir au monde.”

“(…) nem especularidade, nem divisão do sujeito, mas um duplo que o autista encontra em cada outro, seu semelhante, cujo perigo mais agudo é a iminência de seu gozo e a necessidade de matar nele essa parte que a linguagem não eliminou, para que se funda uma relação com o Outro como terraplenagem higienizada de gozo.” (Lefort & Lefort, 2003, p.182)

É importante apontarmos a diferença que há entre o duplo nas psicoses e o duplo dos autistas: enquanto o primeiro mantém com o duplo uma relação de rivalidade, agressividade e perseguição, os autistas servem-se do duplo, que tem para eles função de proteção e de apoio para se conectarem ao mundo (Maleval, 2015):

“(…) o duplo do psicótico é vivido como um objeto autônomo e mal-intencionado, sobre o qual a vontade do sujeito é impotente para se exercer, salvo para destruí-lo. Este não é o caso do duplo do autista, que é apaziguador quando pode ser dominado ou quando é admitido entre os objetos familiares.” (Maleval, 2015, p.31)

Donna Williams nos ensina muito sobre a figura do duplo nos autismos. Em seu primeiro testemunho, *Meu mundo misterioso* (título original: “*Nobody, Nowhere*”), narra o aparecimento de duas personagens que a acompanharam por muitos anos: Willie e Carol (Williams, 1992/2012). Para Maleval (2003), através delas, Donna pôde localizar o gozo escópico, construir sua imagem corporal e, ainda, essas personagens eram portadoras de um saber “já lá”, pois tinham estreita relação com os ideais maternos. Williams as apresenta:

“Willie, que encarnava todo o meu furor e minha combatividade, e Carol, esta casca vazia de emoções que simbolizava minha sociabilidade e minha aptidão para representar diferentes papéis. Não seria possível que desconhecidos pudessem ter acesso àquilo que eu protegera dos olhares indiscretos durante tão longo tempo.” (Williams, 1992/2012, p.108)

As figuras do duplo apresentadas no testemunho de Donna Williams foram descritas como “amigos os quais não pertenciam ao mundo físico, os quais eu tinha acolhido no meu” (p. 36). Willie surge antes de Donna fazer 2 anos e, a princípio, como um par de olhos verdes escondidos embaixo de sua cama. Não trazia a ela tranquilidade, mas protegia seu corpo de intrusos. Donna passa a dormir embaixo da cama de forma a tornar-se Willie e, em suas palavras: “Eu já tinha, então, três anos. Willie tornou-se minha encarnação exterior,

meu encarregado dos negócios estrangeiros” (Williams, 1992/2012, p.39).

Foi a encarnação de Willie, mesmo com toda sua hostilidade, que permitiu que Donna se abrisse ao mundo exterior. Agressiva como sua mãe, o nome da personagem derivava de seu nome de família. Assim, a mãe de Donna a via como uma encarnação defeituosa de sua irmã mais velha, a primeira filha entre nove crianças, que recebia todos os privilégios que os irmãos não recebiam (Williams, 1992/2012).

Carol surge depois, de um encontro com uma menina cuja alegria e vivacidade encantaram a Donna. Ela questionava-se sobre a realidade desse encontro e existência de Carol, mas diz ter sido essa estranha a pessoa que mudou sua vida: “Ela foi a ‘jovem no espelho’ esperando que, por minha vez, eu me tornasse Carol” (Williams, 1992/2012, p.49). Enquanto Willie tinha os olhos verdes que luziam na obscuridade e causavam medo, “olhos flamejantes de hiena” (p. 39), Carol tinha o brilho no olhar que Donna não tinha: “Carol era exatamente igual a mim. Apenas o brilho de seu olhar traía sua identidade” (Williams, 1992/2012, p.50). A localização do objeto olhar nas figuras de Willie e Carol nos dá um exemplo claro da função do duplo no tratamento do gozo.

Williams (1992/2012) também nos dá exemplos da irredutibilidade do duplo autístico ao par especular, hipótese desenvolvida pelo casal Lefort. Após ter abandonado Willie e Carol, o duplo de Donna Williams se prendeu à sua imagem no espelho: cumprimentava-se e apreciava passar um tempo na frente do espelho em sua própria companhia.

Segundo Maleval (2003), o duplo tem uma função protetora e também contribui na estruturação da imagem corporal, mas suas características principais são a capacidade de enquadramento do gozo que permite a animação libidinal e sua aptidão para se articular Outro de síntese. Ainda sobre as figuras do duplo de Donna Williams, ela afirma:

“Eu podia dizer o que pensava protegida por Carol ou por Willie, mas nunca o que sentia. Meu único recurso era demonstrar uma fria objetividade para todos os assuntos que pudessem suscitar em mim qualquer emoção. Todo mundo procede assim a fim de mascarar seus sentimentos. Mas eu não me engajava nem me comprometia senão com relação às coisas, jamais às pessoas.” (Williams, 1992/2012, p.102)

No caso de Donna Williams, além de localizarem o gozo escópico, Willie e Carol articularam-se ao Outro de síntese, permitindo que Donna fizesse um uso particular da linguagem.

O OUTRO DE SÍNTESE

Por fim, temos o que parece ser a forma mais elaborada de defesa autística: a construção do que Maleval chamou de *Outro de suplência* (2003) e, posteriormente, de *Outro de síntese* (2017). Com o apoio encontrado no duplo, capaz

de tratar a animação libidinal, os autistas podem se engajar no tratamento do caos do mundo externo, pela construção do Outro de síntese (Maleval, 2017). Trata-se de um Outro constituído não por significantes, mas por signos. Tal como

vimos na comparação entre o jogo do *Fort-Da* e as condutas *on-off*, os signos são elementos que não efetuam a morte da coisa; isto é, há uma conexão rígida entre a palavra e o referente. Essa característica de serem *parasitados pelo referente*, somada à *incapacidade de funcionarem como receptáculos de gozo* são as duas principais diferenças dos signos em relação aos significantes (Maleval, 2003).

“Sabemos que, dentre os diferentes signos, as crianças autistas apreciam particularmente os ícones, ou seja, signos justificados ao menos parcialmente, que representam esquematicamente a entidade, a pessoa, o acontecimento ou o atributo designado (por exemplo, o S das placas de trânsito que designam os zigzagues, a planta de uma casa, as imagens de homens e mulheres na entrada dos banheiros, etc.). Eles os apreciam porque o ícone constitui o signo mais adequado à sua tentativa de codificação do mundo; nela se revela imediatamente uma conexão rígida do signo à imagem do referente.” (Maleval, 2003, p.23)

Ainda que o banho verbal afete o corpo dos autistas, a conversão do real em significantes – que em si nada significam – não ocorre e a negatividade da linguagem afeta os sujeitos autistas de forma específica. A partir disso, Maleval (2012) apresenta diversas e complexas maneiras pelas quais os autistas lidam com a linguagem. São formas originais, que vão do mutismo ao domínio da língua, passando pela verborragia. O que há de constante nessas manifestações é o funcionamento pulsional, principalmente a não cessão do objeto voz.

As primeiras saídas do mutismo se dão geralmente pela *língua verbosa*, a partir de frases, palavras ou músicas, muitas vezes falas ecológicas. O significado daquilo que emitem costuma ser opaco para outras pessoas, mas a experiência prova que elas não devem ser tomadas levemente, já que houve uma escolha do sujeito em dizer aquelas palavras e não outras, além de se repetirem quando determinadas situações se reproduzem. Maleval (2012) cita como exemplo o relato do pai de uma menina autista, a qual tinha o hábito de cantar *Alouette* enquanto penteavam seus cabelos depois do banho. Anos depois, eles descobriram que *Alouette* equivalia a *all wet* (tudo molhado). Era uma emissão apartada do Outro do significante, um gozo solitário do sonoro, mas que era aplicada em uma situação específica à qual se relacionava.

Segundo Maleval (2007) a verborragia é um trabalho para separar-se da voz que causa horror aos autistas. Donna Williams comenta que na impossibilidade de manifestar seus sentimentos recorria à verborragia:

“Profundamente enterrada, Donna, ela própria, nunca aprendeu a se manifestar. Tudo o que eu pudesse sentir no presente deveria ser combatido, exceto expressar-me numa forma de conversação que para os outros era apenas uma tagarelice, uma maneira de falar sem dizer nada, uma divagação, talvez um delírio” (Williams, 1992/2012, p.102).

Se por vezes esses sujeitos gritam e emitem sons estranhos ou murmúrios totalmente desconectados do sentido, por outro, são capazes de isolar a fala da musicalidade e da entonação, emitindo uma fala muitas vezes robótica e linear, que caracteriza a *língua funcional*. A verborragia e a fala funcional podem estar presentes no mesmo sujeito, no entanto elas não se unem. Quando se unem e o sujeito autista produz uma fala enunciativa, como no caso das *frases espontâneas*, essa fala surge como uma experiência muito aflitiva, vivida com horror, que faz com que eles se fechem em um silêncio ainda mais profundo (Maleval, 2012).

O curioso fenômeno das *frases espontâneas* muito nos diz sobre a retenção do objeto voz enquanto defesa autística, pois é a única manifestação em que há cessão desse objeto pelo engajamento da voz na fala. São holófrases na maioria das vezes de caráter imperativo, que surgem em situações de angústia extrema e são vividas como uma automutilação, como nota Laurent (2014): “O sujeito as emite como se estivesse perdendo um pedaço de si mesmo, suas fezes, um jato de saliva, um berro, sangue. São emissões do corpo, pedaços de gozo, uma espécie de automutilação” (Laurent, 2014, p.106). Maleval (2012) cita o exemplo de Birger Sellin, cuja primeira fala dirigiu-se a seu pai – “devolve a minha bola” – e foi seguida de seu retorno ao mutismo.

Uma vez que os autistas relutam em tomar uma posição de enunciação e que, por outro lado, sofrem com as dificuldades que uma fala solitária (como é a língua verborrágica) impõe, alguns sujeitos chegam a fazer uso da *língua funcional*, em um esforço para comunicar sem mobilizar o gozo da voz. Maleval (2012) descreve essa fala como um acúmulo de fatos que tem a característica de ser um código informativo, sem expressão de afetos e sem voz enunciativa. Esta forma de se servir da linguagem situa-se na dimensão da fala, não do dizer, que ultrapassa os ditos.

A *língua funcional* depende da construção do Outro de síntese, formado por signos e não por significantes. A desconexão que os autistas atestam entre a linguagem e a vida emocional mostra que, ao contrário dos significantes, os signos não funcionam como representantes da representação. É somente com a condição de guardarem seu aspecto objetual, desconectados da voz e da pulsão, que os signos do Outro de síntese podem ser mobilizados para a expressão dos sentimentos do sujeito (Maleval, 2003).

Esses sujeitos estão submetidos ao primado do signo e têm como ideal a formação de um código onde cada palavra tenha um significado só, fixo. Higashida (2014) declara que letras, símbolos e sinais são seus melhores aliados, pois nunca mudam: “Continuam sempre os mesmos, fixados em minha memória. (...) Não estou sozinho quando estou com as letras” (p.89). Um exemplo de rigidez do signo é dado por Temple Grandin (2010), que afirma que para ela um homem a cavalo é coisa completamente distinta de um homem a pé. Já Donna Williams explica que tinha dificuldades com regras que requeriam generalizações:

“Meu comportamento era um enigma para as pessoas como o delas o era para mim. Não tanto porque eu desprezasse suas regras, mas era-me impossível reter os inumeráveis regulamentos que se aplicavam a cada situação específica. Sabia classificar as coisas e arrumá-las em diferentes categorias, mas eu fazia um esforço louco para compreender certos tipos de generalização.” (Williams, 1992/2012, p.130)

Temple Grandin explicou seu funcionamento ao afirmar que pensa em imagens, comparando-se ao mecanismo de busca *Google imagens*. À ordem “pense em uma torre de igreja”, por exemplo, ela não responde pensando em uma ideia generalizada de torre de igreja, mas visualiza rapidamente a série de torres de igrejas que já viu em sua vida (Grandin, 2010). Por isso, diz ter mais facilidade em decorar substantivos do que verbos. Mais difícil ainda, ela conta, é decorar conceitos sem poder anotá-los – ou seja, produzir uma imagem deles. Para decorar noções abstratas, recorre a uma técnica que consiste em associá-las a referentes concretos: “Quando penso em conceitos abstratos como as relações humanas, uso símiles visuais – por exemplo, as relações entre as pessoas são como uma porta de vidro de correr que precisa ser aberta para não quebrar” (Grandin; Scariano, 1986/2014). O pensamento em imagens de Temple Grandin funciona porque a imagem é a forma mais acabada do signo icônico, o que melhor representa a coisa (Maleval, 2003).

O estatuto dos signos nos permite compreender por que Josef Schovanec (2016) afirma, por exemplo, que é um grande horror para os autistas o fato de várias pessoas poderem ter um mesmo nome. No código ideal dos autistas, as palavras possuem referências concretas, ou seja, seu significado pode se ligar a uma imagem ou a uma coisa. Nesse código, cada palavra teria um único sentido colado a ela, o que os dispensaria da necessidade de interpretação

(Maleval, 2015). Os autistas se decepcionam quando se deparam com a linguagem enquanto sistema que é, no qual o significado de uma palavra só pode ser dado em função de outras (Maleval, 2017). Na medida em que o significante se encontra separado da representação, não representa nada em si mesmo, sua equivocidade desorienta, engana, o que implica que um sujeito, ao mobilizar significantes, se faça representar.

Os signos do Outro de síntese podem ser alfabéticos, imaginários, sonoros. Maleval (2017) diferencia duas modalidades de Outro de síntese. A primeira é do Outro de síntese fechado, que permite que o sujeito se oriente em um mundo de rotinas, limitado e sem surpresas. O funcionamento rígido e limitado é muito evidente nos chamados autistas sábios (Maleval, 2017). Eles se mostram preocupados na busca de um saber totalizante de um domínio restrito, com regras imutáveis, e assim formam uma “ilha de competência” (Maleval, 2017). Daniel Tammet, por exemplo, ficou conhecido por ter passado mais de cinco horas recitando os dígitos de *Pi*, alcançando um total de 22.514 dígitos. O inglês Stephen Wiltshire, ao conhecer uma cidade, consegue memorizar e desenhar toda a sua arquitetura com impressionante precisão, e reproduz fielmente as janelas e portas de cada prédio.

Para além do Outro de síntese fechado, a segunda modalidade designada por Maleval (2017) é a do *Outro de síntese aberto*. Refere-se aos casos em que os autistas conseguem mobilizar os signos de forma a constituir um saber dinâmico e, assim, adaptar-se a situações novas. Enquanto o Outro de síntese fechado é capaz de ordenar um mundo solitário e circunscrito, o Outro de síntese aberto permite que o sujeito demonstre alguma abertura ao laço social, que é o caso dos chamados autistas de alto nível (Maleval, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Maleval (2003), quando se constrói um Outro de síntese, a presença do duplo torna-se menos pregnante e o uso dos objetos autísticos simples e complexos, menos necessário. No entanto, é importante enfatizar que os objetos, o duplo e o Outro de síntese não são etapas superáveis do desenvolvimento. A interdependência que há entre eles não nos permite separá-los claramente: o objeto funciona como duplo, se associa a uma ilha de competência e o Outro de síntese nasce de uma ecolalia tardia das palavras do duplo (Maleval, 2017).

Laurent (2014) menciona o caso de uma criança atendida em Antenne 110, instituição belga para crianças e adolescentes autistas e psicóticas. A partir de um objeto eleito pela criança – um pedaço de pau –, a equipe buscou complexificar o uso que ela fazia dele e, no encontro do objeto com o sino da igreja vizinha, novos deslizamentos

foram possíveis. A criança demonstrou fascínio pelo som grave do sino, depois buscou saber a que horas ele soava, em seguida interessou-se pelas agulhas dos relógios. A partir disso, veio o interesse por números e essa criança pôde implicar nas aulas de aritmética da escola. Eis um exemplo de como, a partir do interesse singular por um objeto, o sujeito pode chegar a construir seu Outro de síntese.

À guisa de conclusão, cabe dizer que a alteridade não se reduz ao Outro como lugar dos significantes e que compete ao psicanalista que trabalha com os chamados autistas acompanhá-los na fabricação dos objetos, do duplo e do Outro de síntese, quando isso é possível. As alteridades da imagem de si – e, por conseguinte, a do semelhante –, a do duplo real e a do Outro de signos têm por condição o tratamento dispensado ao gozo, sempre heterogêneo e exigente de localização.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2006) Projeto para uma psicologia científica. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, J. L. Meurer, Trans., pp.335-454). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2006) Além do princípio de prazer. In: S. Freud *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol. 18, E. A. M. Souza, Trans., pp.12-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Grandin, T., & Scariano, M.M. (2014) *Uma menina estranha: Autobiografia de uma autista*. (4ª ed. S. Flaksman, Trans.) Editora Schwarcz. (Trabalho original publicado em 1986)
- Grandin, T. (2010, February) *Temple Grandin: The world needs all kinds of mind*. [Video] TED Talks. https://www.ted.com/talks/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds#t-170286
- Higashida, N. (2014). *O que me faz pular*. (R. Durst, Trans.) . Intrínseca.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. (A. Quinet, Trans.) Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1959-60)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. (V. Ribeiro, Trans.) Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1968-69)
- Laurent, É. (2014). *A batalha do autismo: Da clínica à política*. (C. Berliner, Trans.). Jorge Zahar, 2014.
- Lefort, R. & Lefort, R. (1990) *Nascimento do Outro: duas psicanálises, Nadia, 13 meses, Marie-Françoise, 30 meses*. (2ª ed., A. Jesuino, Trans.) Fator. (Trabalho original publicado em 1980)
- Lefort, R. & Lefort, R. *La distinction de l'autisme*. Le Seuil, 2003.
- Maleval, J.-C. (2003). De l'objet autistique à la machine: les suppléances du signe. In: F. Hulak (Ed.). *Pensée psychotique et création de systèmes: La machine mise à nu*. (pp.197-217). Eres.
- Maleval, J.-C. (2007). “Sobretudo verbosos”, os autistas. *Latusa - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 12, 69-91.
- Maleval, J.-C. (2009). Os objetos autísticos complexos são nocivos? *Psicologia em Revista*, 15(2), 223-254.
- Maleval, J.-C. (2012). Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (Eds.) *Autismo(s) e atualidade: Uma leitura lacaniana* (pp.45-69). Scriptum.
- Maleval, J.-C. (2015). Por que a hipótese de uma estrutura autística? *Opção lacaniana online*, 6(18), 1-40.
- Maleval, J.-C. (2017) *O autista e sua voz*. (P. S. Souza Jr., Trans.) Blucher. 2017
- Schovanec, J. (2016). *Je suis à l'est*. Pocket, 2016.
- Tustin, F. *The protective shell in children and adults*. Karnac Books, 1992.
- Williams, D. (2012) *Meu mundo misterioso: Testemunho excepcional de uma jovem autista*. Thesaurus. (Trabalho original publicado em 1992)